

# O MODELO COGNITIVO IDEALIZADO NO PROCESSAMENTO METAFÓRICO

Natália Elvira Sperandio\*

**Resumo:** O presente artigo possui como principal objetivo produzir uma discussão acerca do processo de construção de sentido a partir de sua dimensão cognitiva. Com essa finalidade recorreremos à Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI), em especial ao modelo metafórico. A partir da discussão teórica e análise desenvolvida observamos que as categorias resultantes do modelo metafórico são construídas de forma indireta; que diferentes modelos, e submodelos, são utilizados em sua estrutura e organização; como também a presença de duas estruturas provenientes do modelo cognitivo de imagem esquemática.

\* Universidade  
Federal de  
Minas Gerais

**Palavras-chave:** Categorização, Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, Modelo Metafórico.

---

## Introdução

**A** categorização é um processo inerente ao ser humano. Desde os nossos primeiros momentos de vida possuímos a capacidade de categorizar as coisas que estão ao nosso redor. A preocupação de como categorizamos as coisas presentes no

mundo é antiga; desde a época de Aristóteles havia interesse nas práticas de nomear, definir e categorizar. Mas, com o surgimento da Ciência Cognitiva, esse processo deixou de ser visto como individual para ser considerado em uma dimensão cultural e social como constitutivo de nossa percepção da realidade.



A partir dos recentes estudos acerca do processo de categorização do mundo, temos como objetivo principal, neste artigo, propor uma discussão que considere a produção de sentido um processo cognitivo. Para atender a essa finalidade, conduziremos uma reflexão que possui como base teórica a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI), proposta, em 1987, pelo linguista cognitivo George Lakoff. Diante da necessidade de recortes, optamos por nos debruçar especificamente sobre um de seus modelos, o metafórico. Como forma de realizarmos o estudo proposto, dividimos o artigo em três partes, cuja descrição sumária é a seguinte:

A primeira parte é dedicada à contextualização da área na qual se encontra inserido o objeto de estudo. Apresentamos um sucinto panorama da Linguística Cognitiva e uma das áreas em que se consolidam, em maior volume, as pesquisas desenvolvidas nesse campo, a Semântica Cognitiva, trabalhada sob a perspectiva lakoffiana. Como a base da TMCI é considerada prototípica,

abordaremos também o problema da categorização, desde a perspectiva clássica à teoria prototípica.

Na segunda parte temos como foco a definição do objeto de estudo: o modelo metafórico. Abordamos a TMCI em conjunto com os trabalhos que têm ampliado o campo de investigação desses modelos.

Finalizamos com uma prática de análise na qual procuramos visualizar, a partir das teorias expostas, a forma pela qual as categorias resultantes dos modelos metafóricos são produzidas. Para isso, recorreremos a um *corpus* específico, composto por uma reportagem produzida pela mídia impressa brasileira que possui como alvo o Movimento dos Trabalhadores sem Terra, mais conhecido como MST. Tal reportagem, publicada no ano 2000, foi extraída de uma revista semanal de grande circulação, *Veja*.

### **Um panorama histórico: contextualizando o objeto de estudo.**

A Linguística Cognitiva teve início no final dos anos 1970 como fruto de diversos confrontos





epistemológicos em torno do papel da semântica e da gramática e, em especial, da linguística gerativa de Noam Chomsky. Para este autor, a gramática é um sistema formal e seu desenvolvimento não depende do significado. Na base da discussão problemática chomskyana está um projeto filosófico de caráter cartesiano-formalista.

Na concepção chomskyana de linguagem como pura forma, resultante de sua herança formalista, a sintaxe é concebida como a essência constitutiva da linguagem e considerada a parte criativa da mente humana. Exatamente porque não atrelada à sua exterioridade, a mente é responsável pelas estruturas da linguagem sobre a qual toda racionalidade humana é construída.

Opondo-se à concepção filosófica subjacente à teoria chomskyana, mais especificamente ao propósito filosófico da mente fora do corpo, desincorporada, seguem trabalhos empíricos em que começam a investigar a relação entre sintaxe/forma e o problema de significação. Esses trabalhos sublinham que a linguagem humana não pode ser considerada sem levar

em conta a questão do sentido, o processo interacional e as estratégias comunicativas envolvidas, bem como a problemática da cultura e de sua relação com a produção de sentido na linguagem. Nessa linha de raciocínio, trabalhos distintos dos estudos gerativistas focalizam a problemática do sentido, que é assumido como tendo papel central e fundacional. Para Gibbs (2006), por exemplo, as estruturas formais da linguagem não devem ser vistas como autônomas, mas como reflexo da organização conceitual geral, princípios de categorização e mecanismos de processamento.

Assim, Fauconnier (2003) propõe que a Linguística Cognitiva trabalhe a linguagem não de forma autônoma, mas a serviço da comunicação e da construção do significado. Segundo o autor, a linguagem é uma “janela para a mente” e a visão através dessa janela não é feita de forma óbvia, uma vez que traços de nossos pensamentos, dos processos cognitivos e da comunicação social



são manifestados correlatamente às suas manifestações linguísticas.

A Linguística Cognitiva se desenvolve, em parte, assumindo a aderência com o compromisso da generalização, de acordo com o qual investiga os princípios gerais que regem a linguagem – como, por exemplo, as generalizações sobre inferências, polissemia, campos semânticos e estrutura conceitual na semântica. Esse ramo da linguística também assume o compromisso cognitivo, tornando as descrições dos aspectos da linguagem consistentes em sua relação com os estudos da cognição humana.

A Ciência Cognitiva, área na qual se encontra inserida a Linguística Cognitiva, possui duas gerações: na primeira, centrada nas ideias da computação simbólica, a razão era vista como desincorporada e literal – como na lógica formal ou na manipulação do sistema de signos. O estudo da mente era feito em termos de suas funções cognitivas, desconsiderando-se qualquer função que surgisse do corpo ou do cérebro. A mente era concebida, metaforicamente, como um programa de computador abstrato. Tinha-se,

dessa forma, o dualismo mente e corpo. Nessa geração, os significados eram concebidos de duas formas: ou eram definidos totalmente a partir do relacionamento interno entre os símbolos, ou os símbolos que caracterizavam o pensamento eram concebidos como representações internas de uma realidade externa. Todavia, esses pressupostos são contraditos, por meio de evidências empíricas, por uma segunda geração que postula a) a forte relação de dependência entre os conceitos, a razão e a experiência corporal e b) a centralidade de conceitualizações e da razão em processos imaginativos como metáfora, metonímia, imagem, protótipos, *frames*, espaços mentais e categorias radiais.

### **Semântica Cognitiva**

O fato de a Semântica Cognitiva ser atrelada à trajetória da Linguística Cognitiva faz com que muitas vezes não haja distinção entre essas duas terminologias, que são usadas de forma intercambiável ou em uma relação de superposição, tal como advoga Feltes (2007), utilizando o termo Linguística Cognitiva para abarcar todos os estudos abrigados





nesse campo. Porém, como a autora observa, a Semântica Cognitiva aborda especificamente um dos fenômenos dessa linguística, o conteúdo conceitual e a sua organização. Portanto, essa semântica é considerada a área que investiga os sistemas conceituais, significados e inferências, tomando como pressupostos básicos os princípios segundo os quais os conceitos são engendrados por meio do corpo, cérebro e experiência no mundo, isto é, adquirem significados a partir da corporificação, especialmente por meio das capacidades perceptuais e motoras.

Defende-se, desde os primeiros trabalhos que constituem as bases da Semântica Cognitiva, que esta seja baseada na experiência. Para Lakoff (1987), o experiencial deve ser tomado no sentido amplo, considerando-se as experiências sensório-motoras, emocionais, sociais e as capacidades inatas. Por esse motivo, essa semântica também é denominada Semântica Cognitiva Experiencialista. Daí a semântica do autor ser caracterizada como uma abordagem experiencialista, oposta ao paradigma – rotulado por Lakoff

como objetivista – segundo o qual o mundo seria caracterizado a partir de um modelo teórico com as entidades e suas propriedades.

Nessa perspectiva, os elementos teriam existência objetiva, pois seriam categorizados segundo as características que possuíam. A cognição seria, portanto, objetivista, e caberia à mente humana manipular símbolos abstratos para apreender significados produzidos por meio da correspondência direta entre as entidades e as categorias. Já o conceito, visto como representação mental das categorias e entidades do mundo, apresentava a limitação de não avaliar o lugar da mente humana nesse processo.

### **O processo de categorização: da teoria clássica à prototípica.**

A história da Semântica Cognitiva deve ser trabalhada através das questões colocadas pela Psicologia Cognitiva, sobretudo pelos trabalhos desenvolvidos por Eleanor Rosch.

A abordagem clássica de categorias que possui como base a lógica aristotélica perdurou ao longo de muitos anos. Nesta visão



pressupunha-se a existência de categorias muito bem organizadas com base no tudo ou nada. Nessa perspectiva a categoria era definida por um conjunto limitado de condições suficientes e necessárias, sendo essas condições limitadas como claras, discretas ou essenciais. Essa abordagem clássica não era fruto de um estudo empírico, mas de reflexões filosóficas. Desde Aristóteles até um dos últimos trabalhos de Wittgenstein, as categorias eram vistas como recipientes dentro dos quais estariam as coisas e sua identidade organizacional no grupo era definida pelas características comuns, de forma que, nessa caracterização clássica, nenhum membro da categoria poderia possuir *status* especial, já que todos dividiam propriedades em comum.

Essa posição foi posta como inquestionável e considerada verdadeira, mas, a partir dos trabalhos desenvolvidos na psicologia cognitiva, a categorização se tornou um campo maior de estudo. O avanço ocorreu com os estudos propostos por Eleanor

Rosch e seus colaboradores ao proporem a “Teoria Prototípica” e as “Categorias de nível-básico”. A teoria prototípica teve início em meados dos anos 1970 a partir dos estudos propostos na pesquisa psicolinguística de Eleanor Rosch. De acordo com Lakoff (1987) é a partir dos estudos propostos por Brent Berlin e Paul Kay (1969) que Rosch inicia seus achados sobre os protótipos.

Os trabalhos de Rosch podem ser divididos em três fases:

**FASE 1:** a distinção dos protótipos era feita basicamente por: a) saliência perceptual; b) maior memorabilidade, ou seja, são apreendidos mais facilmente; e c) a generalização feita através de um estímulo para outro que lhe seja similar fisicamente.

**FASE 2:** os efeitos prototípicos promovem a caracterização da estrutura interna da categoria. Assim, os melhores exemplos poderiam refletir a estrutura interna da categoria.

**FASE 3:** os efeitos prototípicos teriam fontes não determinadas. Esses efeitos determinam a possibilidade do que poderia ser uma representação, mas





não há correspondência entre os efeitos e a representação mental.

Lakoff (1987), assumindo a terceira fase da autora, advoga que os efeitos prototípicos são superficiais, a partir disso, o autor passa a trabalhar as questões semânticas tendo como ponto de partida o processo de categorização. O autor faz a ligação da Psicologia Cognitiva com a linguística, assim, o significado de uma expressão linguística está associado à natureza da categorização humana, sendo essa relação compreendida a partir dos estudos da prototypicalidade. Diante disso, passa a depender de uma Teoria dos Modelos Cognitivos.

**TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS: o modelo metafórico sob a perspectiva cognitiva.**

**Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados**

A Semântica Cognitiva, de cunho experiencialista, proposta por

Lakoff (1987) e exposta acima, possui uma base prototípica. Para o autor, os fenômenos prototípicos:

são utilizados [...] no pensamento – fazendo inferências, cálculos, aproximações, planejamentos, comparações, julgamentos – e também para definir categorias, estendê-las e caracterizar relações entre subcategorias. Os protótipos fazem uma grande porção do trabalho efetivo da mente e têm um amplo uso em processos racionais. (LAKOFF, 1987, p.145)<sup>1</sup>

A TMCI sustenta uma semântica conceitual fundamentada na capacidade de conceitualização humana. Lakoff (1987) destaca que a categorização é possível apenas via um modelo cognitivo idealizado, responsável pela organização de todo conhecimento. Os modelos cognitivos são considerados idealizados por dois motivos: a) por não se adequarem necessária e perfeitamente ao mundo em decorrência de serem frutos do aparato cognitivo humano e da realidade; o que consta em um modelo cognitivo é determinado pelas necessidades, crenças, valores, etc; e b) pela possibilidade de construção de diferentes modelos para a

<sup>1</sup> Essa e demais traduções são de minha responsabilidade.



compreensão de uma determinada situação, sendo que esses modelos podem ser contraditórios entre si.

### **Tipos de Modelos Cognitivos Idealizados**

Lakoff (1987) apresenta cinco tipos básicos de modelos cognitivos, que contribuem para a estruturação de nossas experiências físicas tanto no plano puramente conceitual quanto no linguístico conceitual. Os tipos de modelos são os proposicionais, esquemas de imagem, metonímico, metafórico e simbólico.

Os modelos de esquemas de imagem são conceitos apreendidos de forma direta e utilizados, metaforicamente, para estruturar conceitos complexos. Esses modelos possuem uma natureza corpórea-cinestésica que os torna compostos por imagens sinestésicas, ou seja, pela percepção que possuímos de nosso corpo, do movimento corporal, do formato dos objetos. Os modelos impõem estrutura à experiência de espaço e são projetados para domínios conceituais abstratos por meio de metáforas e metonímias, estruturando modelos cognitivos complexos.

Os modelos cognitivos proposicionais também são apreendidos de forma direta e constituídos pelas propriedades dos elementos e pelas relações obtidas entre eles. Esses modelos possuem uma ontologia: o conjunto de elementos utilizados no MCI, que podem ser elementos ou conceitos de nível básico (entidades, ações, estados, propriedades, etc.) ou conceitos caracterizados por modelos cognitivos de outros tipos.

Os modelos cognitivos metonímicos constroem sentido pelo fato de serem sustentados indiretamente nas experiências concretas. Esses modelos ocorrem em um único domínio conceitual, no qual há dois elementos, A e B, sendo que A pode ser “representado por” B. Nesse modelo, tomamos um aspecto considerado bem-entendido ou de fácil percepção, “e o utilizamos para representar a coisa como um todo ou algum outro aspecto ou parte dela”. (LAKOFF, 1987, p. 77)

Os modelos cognitivos metafóricos, da mesma forma que os metonímicos, são indiretamente significativos, já que consistem em uma projeção de domínios concretos





da experiência para domínios abstratos. Esses modelos se caracterizam pela existência de um domínio-fonte A, considerado bem estruturado; de um domínio-alvo B, que precisa ser estruturado para a sua compreensão; do mapeamento responsável pela ligação do domínio-fonte ao domínio-alvo; e do mapeamento ou projeção metafórica, sendo essa naturalmente motivada pela correlação estrutural existente entre esses domínios. Tais modelos são, da mesma forma que os metonímicos, estruturados em termos dos esquemas CONTÊINER e ORIGEM-PERCURSO-META.

Os modelos cognitivos simbólicos, diferentemente dos citados acima (que são considerados puramente conceituais), são produzidos a partir da associação dos elementos linguísticos com os elementos conceituais em um MCI. Exemplos desses modelos seriam os itens lexicais, categorias gramaticais e construções gramaticais.

### **O estudo do modelo cognitivo idealizado metafórico**

Desde a Antiguidade, a metáfora tem oferecido subsídios a

filósofos e especialistas em retórica para uma reflexão sobre a linguagem. Na tradição retórica, a metáfora era considerada um fenômeno de linguagem, ou seja, um ornamento linguístico. Era concebida como um desvio da linguagem usual, própria de determinados usos, como a linguagem poética e a persuasiva.

Contudo, a partir de 1970 uma mudança paradigmática marcou uma ruptura profunda do pressuposto objetivista, possibilitando uma reformulação em nossa maneira de conceber a objetividade, a verdade, o sentido e a metáfora. Esta última passa, no novo paradigma, a ter seu valor cognitivo reconhecido, deixando de ser uma simples figura de retórica para configurar uma operação cognitiva fundamental.

Por meio de uma análise rigorosa de diversos enunciados, Reddy (1979) investiga o problema da comunicação na língua inglesa. O pesquisador revela que a linguagem é concebida como um “canal” que transfere, corporeamente, os pensamentos de uma pessoa para outra, como se as pessoas inserissem seus pensamentos e sentimentos nas palavras, que, por sua vez, seriam



conduzidas de uma pessoa para outra que, ao ouvir ou ler, extrairiam esses pensamentos e sentimentos novamente. Nessa concepção a linguagem é vista como uma transmissão, na qual se fundamenta a crença de que a comunicação é concebida como um “tête-à-tête” ideal.

### **A Teoria da Metáfora Conceitual**

Seguindo os passos de Reddy, Lakoff e Johnson, em 1980, lançaram “Metaphors we live by”, que provocou uma revolução nos estudos sobre metáfora ao assumir como tese central a pressuposição de que a metáfora é onipresente e essencial na linguagem e no pensamento. Os autores trabalharam, de forma mais explícita, a metáfora do canal proposta por Reddy e propuseram as metáforas conceituais subjacentes às expressões linguísticas.

Como, na maioria das vezes, pensamos e agimos automaticamente, uma das formas de descobirmos o funcionamento desse sistema é através da linguagem, já que nossa comunicação é baseada no mesmo sistema que utilizamos para pensar e agir. A partir desse pressuposto, Lakoff e Johnson (2002)

examinam expressões linguísticas buscando encontrar evidências da predominância metafórica de nosso sistema conceitual e, ao identificar metáforas que estruturam nossa maneira de agir, pensar e perceber, defendem essa categoria como uma forma de compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. Nesse contexto, os linguistas propõem um mapeamento sistemático entre dois domínios: o domínio-fonte, que é a fonte de inferências, e o domínio-alvo, o local, de acordo com o qual as inferências serão aplicadas. Os autores representam as metáforas conceituais por meio de um mapeamento estruturado sistematicamente, destacando-as em letra maiúscula: DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE.

### **A Teoria Neural da Metáfora**

A Teoria Neural da Metáfora é considerada a versão contemporânea da Teoria da Metáfora Conceitual. Defendida em Lakoff e Johnson em 1999 e se fazendo, desde então, presente em todos os trabalhos subsequentes de Lakoff.

Com os estudos desenvolvidos na área neural houve





uma modificação na forma pela qual compreendemos nossa mente e cérebro e, conseqüentemente, a teoria da metáfora. De acordo com Lakoff (2008), os esboços fundamentais nos estudos sobre a metáfora permanecem ainda válidos, mas com o desenvolvimento da ciência cerebral e da computação neural há um enriquecimento da sua concepção.

Assistimos, nos últimos dez anos, ao desenvolvimento interdisciplinar da Teoria Neural da Linguagem, liderada no campo da linguística por Lakoff e no campo da ciência da computação por Jerome Feldman. Essa teoria assume que o circuito neural é moldado pela experiência, o que define como central a ligação entre corpo e mente para a proposição de um conceito de semântica proposta por ela: a semântica da simulação. Segundo essa semântica, na produção de significados de conceitos físicos, os significados são concebidos como simulações mentais, ou seja, a ativação dos neurônios necessita da imaginação, percepção ou desempenho de uma ação.

É nesse contexto que a Teoria da Metáfora Conceitual sofre sua transformação mais recente e radical, transformando-se em Teoria Neural da Metáfora. Esta promove uma forma diferente de concebermos o processamento metafórico, pois sua visão se opõe às anteriores, que consideravam hipóteses bidominais nas quais tínhamos o processamento do domínio-fonte no cérebro antes do mapeamento do domínio-alvo. A Teoria Neural da Metáfora propõe que o processamento é feito em paralelo. Quando, por exemplo, ouvimos uma expressão metafórica, o circuito do domínio-fonte é ativado pelos significados literais das palavras e o circuito do domínio-alvo pelo contexto. Juntos, esses dois domínios ativam o circuito do mapeamento. Como resultado, temos um circuito integrado, já que há a ativação de ambos os domínios e o processamento sobre ambos ao mesmo tempo. A partir disso, podemos perceber que as compreensões das linguagens baseadas em metáforas conceituais não estão tão longe do processamento não metafórico



baseado em *frames* normais questão, o pensamento metafórico, (LAKOFF, 2008).

Em face desse raciocínio, a analisamos a metáfora e redefinindo, Teoria Neural da Metáfora oferece mesmo que de maneira sutil, sua uma forma de compreendermos análise. Lakoff (2008) alega que uma melhor como trabalham pensamento e nova notação foi desenvolvida: linguagem e como se adéqua, nessa

Metáfora: AMOR É UMA VIAGEM	
Domínio fonte: Viagem	
Domínio alvo: Amor	
Mapeamento	
Viajantes	Amantes
Veícul	Veículo                      Relacionamento
Destin	Destinações                      Objetivos de vida
Imped	Impedimentos para o movimento                      Dificuldades
Esse Mapeamento Evoca:	
A met	A Metáfora PROPOSTAS SÃO DESTINAÇÕES, com:
Destin	Destinos = Ego. Fonte. Destinações
Propor	Propostas = Ego. Alvo. Objetivos de vida
A met	A Metáfora DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS PARA O MOVIMENTO, com:
	Impedimentos para o movimento = Ego. Fonte. Impedimento para movimento.
Dificul	Dificuldades = Ego. ALVO. Dificuldades.
A met	A Metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE, com:
	Proximidade = Ego. Fonte. Proximidade dos Viajantes dentro do Veículo.
Intimi	Intimidade = Ego. Alvo. Intimidade dos Amantes.
A met	A Metáfora UMA RELAÇÃO É UM CONTÊINER, com:
Conta	Contêiner = Ego. Fonte. Veículo

Como justificativa para tal notação, Lakoff expõe a seguinte explicação:

A declaração de que isso é uma metáfora corresponde ao circuito mapeador apropriado. O nome da metáfora corresponde ao “nó” gestáltico apropriado. As setas (→) correspondem aos circuitos de ligação. Os sinais de igualdade (“=”) especificam as vinculações neurais. A declaração “evoca” coloca os circuitos de ligação ativando as metáforas “componentes”, com vinculações neurais entre O AMOR É UMA VIAGEM (denominado *self* no formalismo) e as várias metáforas componentes. (LAKOFF, 2008, p. 37)

**Uma Proposta Analítica de Estudo** intracategorial, nessa faremos a

Nossa análise possui como análise individual das metáforas base as teorias apresentadas nas conceituais que tiveram uma maior seções acima. Propomos uma análise ocorrência na reportagem utilizada





como *corpus*. As metáforas atestadas serão analisadas de acordo com a notação proposta por Lakoff (2008) na Teoria Neural da Metáfora, que nos possibilita visualizar os domínios fonte e alvo, os mapeamentos e as metáforas primárias evocadas na estruturação da metáfora complexa analisada. Por estarmos no domínio da TMCI, recorreremos também, nesta fase de análise, aos pressupostos envolvidos nessa teoria, especialmente no MCI Metafórico. Assim, devemos nos ater as seguintes questões:

1) Esses modelos são estruturados a partir de dois tipos de esquemas: CONTÊINER e ORIGEM-PERCURSO-META;

2) Estamos no âmbito de uma projeção que possui base experiencial, a partir de um MCI em um domínio para um MCI em outro domínio.

Diante disso, nessa fase analítica concentramos nossos estudos nos esquemas imagéticos presentes na estruturação de cada metáfora e os MCIs nela envolvidos.

Elencamos abaixo as metáforas que tiveram recorrência maior e servirão de base para as nossas análises:

REFORMA AGRÁRIA É GUERRA

MST É UMA PESSOA

BRASIL É UMA PESSOA

REFORMA AGRÁRIA É UMA PESSOA

Metáfora: REFORMA AGRÁRIA É GUERRA

Domínio-Fonte: GUERRA

Domínio-Alvo: REFORMA AGRÁRIA

Mapeamentos:

SOLDADOS  $\Rightarrow$  SEM-TERRA

ARMAS  $\Rightarrow$  FOICES, PEDAÇOS DE PAU, COQUITEIS MOLOTOV, CARABINAS

CONQUISTAS  $\Rightarrow$  PROPÓSITOS

CAMPOS DE BATALHA  $\Rightarrow$  FAZENDAS, PRÉDIOS PÚBLICOS

INIMIGOS  $\Rightarrow$  LATIFÚNDIOS

VENCER  $\Rightarrow$  OBTER DINHEIRO PÚBLICO

Evoca: Metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO, com:

MOVIMENTO = Ego. Fonte. VENCER

MUDANÇA = Ego. Alvo. OBTER DINHEIRO PÚBLICO

Metáfora PROPÓSITOS SÃO OBJETOS DESEJADOS, com:

OBJETOS DESEJADOS = Ego. Fonte. CONQUISTA

PROPÓSITOS = Ego. Alvo. PROPÓSITOS

Metáfora FAZENDAS/PRÉDIOS PÚBLICOS SÃO CONTÊINERS, com:

CONTÊINERS = Ego. Fonte. CAMPO DE BATALHA.

FAZENDAS/PRÉDIOS PÚBLICOS = Ego. Alvo. FAZENDAS/PRÉDIOS

PUBLICOS.



**Algumas expressões Metafóricas:**

1) *Marcha* frustrada: no Paraná a polícia barrou manifestantes, cinquenta foram feridos e um morreu.

2) A má distribuição de terra no Brasil tem razões históricas, e a *luta* pela reforma agrária envolve aspectos econômicos, políticos e sociais.

3) Nas inúmeras invasões realizadas pelo MST, as únicas *armas* eram foices e pedaços de pau, e havia casos esporádicos de carabinas calibre 12 e revólveres 38.

4) É essa divisão radical da sociedade que dá à *luta* pela reforma agrária uma característica de guerra santa. "E, como toda guerra santa, é uma guerra sem alternativas, sem saídas políticas".

Seguindo os pressupostos da TMCI podemos observar, nessa metáfora, a existência de dois MCIs, o MCI da GUERRA e o MCI da REFORMA AGRÁRIA, sendo o primeiro responsável pela estrutura do segundo. Como advoga Lakoff (1987), é comum que um número de modelos cognitivos se combine para formar um conjunto complexo, que é considerado psicologicamente mais básico do que

os modelos colocados individualmente. Diante disso, consideramos como modelo complexo de guerra aquele que a considera um confronto sujeito a interesses de disputa entre dois ou mais grupos distintos de indivíduos mais ou menos organizados, utilizando-se de armas para tentar derrotar o adversário. Todavia, como esse modelo não dá conta de todos os casos, há a construção de submodelos, como, por exemplo, os modelos de guerra civil, guerra psicológica, guerra fria, guerra de guerrilha e guerras religiosas. Assim, podemos considerar que há formas variadas de guerra, e que cada uma possui propriedades específicas. Temos abaixo algumas expressões linguísticas que demonstram a utilização dos submodelos de guerra:

É essa divisão radical da sociedade que dá à *luta* pela reforma agrária uma característica de guerra santa. "E, como toda guerra santa, é uma guerra sem alternativas, sem saídas políticas". (Guerra Religiosa)

Nas inúmeras invasões realizadas pelo MST, as únicas *armas* eram foices e pedaços de pau, e havia casos esporádicos de carabinas





calibre 12 e revólveres 38. (Guerra Civil e Guerra de Guerrilha)

Como os MCI<sub>s</sub> metafóricos são estruturados por esquemas, tem-se, nessa metáfora, a presença do esquema ORIGEM-PERCURSO-META: um AGENTE (ORIGEM) uma AÇÃO (PERCURSO) e um ALVO (META) que pode ser exemplificado da seguinte forma: ORIGEM (SEM-TERRA) – PERCURSO (AÇÃO) – META (DINHEIRO). Nesse caso, temos uma ação dirigida ou a alguém ou a alguma coisa. Podemos afirmar que, além desse esquema cinestésico, o

modelo pode incorporar o de CONTATO. Ou seja, como nos referimos a FORÇA FÍSICA, haveria contato. De fato, quando falamos de guerra um dos aspectos mais salientes é o emprego da força física empregada contra alguém, o adversário. Outro modelo que pode ser verificado nessa metáfora é o do MOVIMENTO: como os próprios verbos (marchar, lutar, alistar, treinar e atacar) indicam, para que haja a reforma agrária é preciso que se tenha ação, movimento.

Metáfora: MST É UMA PESSOA  
 Domínio-Fonte: PESSOA  
 Domínio-Alvo: MST  
 Mapeamentos:  
 PESSOA  $\iff$  MST  
 CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS  $\iff$  ATRIBUTOS DO MST  
 Evoca: Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:  
 POSSES = Ego. Fonte. CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS  
 ATRIBUTOS = Ego. Alvo. ATRIBUTOS DO MST

#### Algumas expressões Metafóricas:

1) Em sua maior *ofensiva*, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra *invade* prédios públicos em quinze capitais e um militante é morto pela polícia.

2) Em onze, o MST *escolheu* escritórios do Ministério da Fazenda.

3) Na prática, quem observa a *trajetória* do MST verifica que, pouco a pouco, ele *modifica sua visão* a respeito desses objetivos. Numa palavra, o MST *não quer* mais terra. O movimento *quer toda* a terra, *quer tomar* o poder no país por meio da revolução e, feito isso, *implantar* por aqui um socialismo tardio, onze anos depois da queda do Muro de



Berlim, num momento em que Cuba e área. É o próprio MST que *diz isso*.  
 Coréia do Norte são praticamente o Sem *constrangimento* algum  
 que resta de modelos a imitar nessa

Metáfora: BRASIL É UMA PESSOA  
 Domínio-Fonte: PESSOA  
 Domínio-Alvo: BRASIL  
 Mapeamentos:  
 PESSOA  $\rightleftarrows$  BRASIL  
 CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS  $\rightleftarrows$  ATRIBUTOS DO BRASIL  
 Evoca: Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:  
 POSSES = Ego. Fonte. CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS  
 ATRIBUTOS = Ego. Alvo. ATRIBUTOS DO BRASIL

**Algumas expressões metafóricas:**

1) De certa forma, o país de *libertou* quando tornou livre os escravos. Quando não precisar mais *discutir* a propriedade da terra, terá *alcançado nova libertação*.

2) O Brasil tinha mais da metade de sua *força de trabalho* no campo até a década de 60. Hoje tem 23%.

3) O Brasil *cansou* da falta de respeito à liberdade, da transformação da liberdade de uns no constrangimento de outros. O Brasil e o presidente não vão mais *admitir* que funcionários públicos sejam reféns de gente que faz baderna em nome de uma causa que em si é justa", disse o presidente durante solenidade no Planalto.

Metáfora REFORMA AGRÁRIA É UMA PESSOA  
 Domínio-Fonte: PESSOA  
 Domínio-Alvo: REFORMA AGRÁRIA  
 Mapeamentos:  
 PESSOA  $\rightleftarrows$  REFORMA AGRÁRIA  
 CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS  $\rightleftarrows$  ATRIBUTOS DA REFORMA AGRÁRIA  
 Evoca: Metáfora ATRIBUTOS SÃO POSSES, com:  
 POSSES = Ego. Fonte. CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS  
 ATRIBUTOS = Ego. Alvo. ATRIBUTOS DA REFORMA AGRÁRIA

**Algumas expressões Metafóricas:**

1) A reforma agrária *saiu* da agenda dos países há mais de vinte anos.

2) De um ponto de vista estritamente agrícola, portanto, a reforma agrária não tem mais nenhuma *razão de ser*.



3) No Brasil, ela se *transformou* numa questão diferente: pode *evitar* que as metrópoles sejam inchadas por desempregados do campo e também funciona na esfera da justiça social *ao conceder* terra a quem precisa dela para tirar o sustento da família.

4) Não é o número de desapropriados ou o número de assentamentos em terras desapropriadas ou compradas que definem o *perfil* da reforma agrária brasileira, sua *justeza ou não*."

As três metáforas conceituais acima utilizam como domínio-fonte o MCI PESSOA, que é responsável pela estruturação do MCI presente no domínio-alvo de cada uma. Todas essas metáforas podem ser consideradas ontológicas, de modo que cada um dos domínios-alvos passa a adquirir todas as características inerentes ao ser animado utilizado como domínio-fonte. Fundamentados nos estudos de Feltes (2007) sobre a categoria Violência<sup>2</sup>, consideramos que o conceito de pessoa é estruturado a partir de três modelos cognitivos:

M<sub>1</sub>. Espiritual: relacionado ao domínio da alma, ao estado transcendente, o extrafísico-psíquico;

M<sub>2</sub>. Corporal: relacionado ao domínio do corpo, suas ações;

M<sub>3</sub>- Psíquico: relacionado ao domínio da atividade psíquica, ou seja, ao sentir, julgar, raciocinar, posicionar-se intelectualmente.

Assim, observamos que na metáfora MST É UMA PESSOA não há a utilização de apenas um desses modelos, mas a sobreposição na construção do MCI PESSOA e, conseqüentemente, no MCI MST, que passa a ser estruturado por esses modelos:

"Cria-se assim um mundo em que o MST *desempenha o papel do Bem*, num cenário maniqueísta em que o governo FHC é o Mal".(MODELO ESPIRITUAL e PSÍQUICO)

"Em sua maior *ofensiva*, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra *invade* prédios públicos em quinze capitais e um militante é morto pela polícia." (MODELO CORPORAL)

"Numa palavra, o MST *não quer* mais terra. O movimento *quer toda a terra, quer tomar* o poder no

<sup>2</sup> Para um estudo aprofundado, consultar Feltes (2007).



país por meio da revolução e, feito isso, *implantar* por aqui um socialismo tardio, onze anos depois da queda do Muro de Berlim, num momento em que Cuba e Coréia do Norte são praticamente o que resta de modelos a imitar nessa área.” (MODELO PSÍQUICO e CORPORAL)

O esquema de imagem presente nessa estrutura é do CONTÊINER – como afirma Lakoff (1987), as pessoas experienciam o próprio corpo como um contêiner, tendo um interior, exterior e uma fronteira. Diante dessa metáfora ontológica, MST É UMA PESSOA, uma ideia importante a ser acrescentada é a de ATIVIDADE. Ou seja, podemos ter, dependendo do modelo, um tipo de ATIVIDADE a ele relacionada. Assim, no MODELO CORPORAL temos a ATIVIDADE ligada ao CORPO FÍSICO, nas ações por ele executadas; já no MODELO PSÍQUICO temos a ATIVIDADE MENTAL relacionada ao pensamento, lembranças, sonhos, fantasias.

Na segunda metáfora, temos novamente a utilização do MCI PESSOA como fonte, mas com um MCI no domínio-alvo diferente, BRASIL. Como demonstramos acima,

temos para o MCI PESSOA três modelos: CORPORAL, FÍSICO e o PSÍQUICO. As expressões metafóricas demonstram a utilização dos seguintes modelos:

“O Brasil tinha mais da metade de sua *força de trabalho* no campo até a década de 60. Hoje tem 23%.” (MODELO CORPORAL)

“De certa forma, o país se *libertou* quando tornou livre os escravos. Quando não precisar mais *discutir* a propriedade da terra, terá *alcançado nova libertação*.” (MODELO PSÍQUICO e CORPORAL)

Julgamos necessário um breve parêntese na análise dessa metáfora para considerar o segundo exemplo acima. O conceito de LIBERDADE é, segundo Lakoff (1987), estruturado a partir do esquema NÃO-LIGAÇÃO, que se opõe à escravidão estruturada através do esquema LIGAÇÃO. Consideramos nesse exemplo, os modelos psíquicos e corporais por acreditarmos que LIBERDADE não se aplica apenas ao âmbito corporal, quando se opõe ao constrangimento físico-espacial, mas também ao nível interior, quando esse conceito é estruturado, através de uma metáfora





ontológica, como uma entidade, como algo que pode ser perdido. Assim, LIBERDADE pode ser construída tanto pelo modelo psíquico quanto pelo corporal<sup>3</sup>.

Podemos observar que, diferentemente do que ocorre na metáfora MST É UMA PESSOA, na qual temos a utilização dos três modelos responsáveis pela estruturação de PESSOA, a metáfora BRASIL É UMA PESSOA recorre a dois modelos para a estruturação de Brasil, o CORPORAL e o PSÍQUICO. Em relação ao esquema desse modelo metafórico, temos o do CONTÊINER, com suas respectivas propriedades INTERIOR-FRONTEIRA-EXTERIOR. O modelo de ATIVIDADE também se aplica na construção desse modelo, de forma que teremos:

PESSOA É UMA ENTIDADE  
 PESSOA EXECUTA ATIVIDADES  
 MENTAIS E FÍSICAS  
 BRASIL É UMA ENTIDADE  
 BRASIL EXECUTA ATIVIDADES  
 MENTAIS E FÍSICAS  
 REFORMA AGRÁRIA É UMA  
 PESSOA, é construída a partir dos  
 três modelos: o modelo ESPIRITUAL,

PSÍQUICO e o CORPORAL, como pode ser exemplificado nas expressões linguísticas abaixo. Como ocorre com as duas metáforas acima, o esquema responsável pela estrutura dessa metáfora é o do CONTÊINER:

“De um ponto de vista estritamente agrícola, portanto, a reforma agrária não tem mais nenhuma *razão de ser*.” (ESPIRITUAL e PSÍQUICO)

“No Brasil, ela *se transformou* numa questão diferente: pode *evitar* que as metrópoles sejam inchadas por desempregados do campo e também funciona na esfera da justiça social *ao conceder* terra a quem precisa dela para tirar o sustento da família”. (CORPORAL)

### Considerações Finais

Buscou-se, neste trabalho, produzir uma discussão pautada na construção de sentido como um processo cognitivo. Para isso, tivemos como arcabouço teórico a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, em especial o modelo cognitivo idealizado metafórico. Nossa intenção foi demonstrar que, diferente do processo de categorização tradicional, onde as categorias eram definidas por

<sup>3</sup> Para um estudo mais abrangente do conceito de LIBERDADE, consultar Feltes (2007).



um conjunto limitado de condições suficientes e necessárias; a construção dos conceitos é muito mais complexa, sendo que essa passa a ser possível apenas, de acordo com Lakoff (1987), via um dos cinco modelos propostos pelo autor.

Diante disso, a análise acima apresentada, teve como finalidade demonstrar a forma pela qual um desses modelos, o modelo cognitivo idealizado metafórico, atua na organização, estruturação das categorias de Reforma Agrária, MST, Brasil e Terra. A partir da notação desenvolvida por Lakoff (2008) observamos que cada uma dessas categorias são construídas a partir de dois MCIs, sendo um considerado fonte, responsável pela estruturação de um segundo domínio, o alvo. Outra consideração a ser feita, a partir dessa notação, são os mapeamentos presentes na construção de cada uma dessas categorias, esses demonstram os elementos selecionados no MCI, utilizado como fonte, que serão mapeados para o MCI, presente no domínio alvo. Também verificamos as metáforas primárias evocadas na construção de cada uma das metáforas acima analisadas.

Nossa análise também nos evidenciou a presença de diferentes submodelos nos MCIs utilizados como fonte e, conseqüentemente, nos MCIs alvo. Assim, tivemos diferentes submodelos de guerra (guerra santa, de guerrilha) e pessoa (espiritual, corporal, psíquico). Isso nos demonstra que há modelos complexos que abarcam diferentes submodelos que são construídos de acordo com as nossas necessidades. Como advoga Lakoff (1987) é isto que torna seus modelos idealizados. Um exemplo seria o MCI Pessoa, já que observamos que na conceitualização do MST e Reforma Agrária temos a utilização dos três submodelos, já na conceitualização de Brasil há a utilização de apenas dois modelos.

Portanto, nossa análise demonstrou que a TMCI foi capaz de romper com o paradigma objetivista, no qual as representações eram vistas como espelho da realidade. Nessa nova perspectiva, a Linguística Cognitiva assume que aquilo a que uma expressão linguística se refere não é exatamente um objeto ou elemento da realidade, mas algo mediado por construtos teóricos do tipo elaborado pela categorização,





cabendo aqui a noção de MCI. Nesse e da experiência, compreendendo-se sentido, os MCIs passam a ser que a estrutura de categorias e os considerados os responsáveis pela efeitos prototípicos são resultados organização mental do conhecimento dessa organização.

## THE IDEALIZED COGNITIVE MODEL IN METAPHORIC PROCESSING

### Abstract

This article has as main objective to produce a discussion about the process of constructing meaning from its cognitive dimension. For this purpose we used the Theory of Idealized Cognitive Models (TMCI), in particular the metaphoric model. From the theoretical discussion and analysis of observed that the resulting categories are constructed metaphorical model in an indirect way, that different models and submodels are used in their structure and organization, as well as the presence of two structures from the cognitive model of image schematically.

**Keywords:** Categorization, Idealized Cognitive Models, Metaphoric Model.

**Artigo submetido para publicação em:** 09-04-2013

**Aceito em:** 24-07-2014

### REFERÊNCIAS:

BERLIN, B. & KAY, P. (1969) **Basic color terms: Their universality and evolution**. Berkeley, University of California Press.

FAUCONNIER, G. (2003) **Introduction to methods and generalizations**. (To appear-methods and generalizations) Disponível em: <http://cogweb.ucla.edu/abstracts/fauconnier99.html>. Acesso em: 17, out, 2008.

FELTES, H.P.M. (2007) **Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre, EDIPUCRS.



GIBBS, R.W.Jr. (2006) **Cognitive Linguistics and metaphor research: past successes, skeptical questions, futures challenges**. Disponível em: [www.scielo.org/cgi-bin/wxis/iah](http://www.scielo.org/cgi-bin/wxis/iah). Acesso em: 19, Nov, 2008.

LAKOFF, G. (1987) **Women fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago, University of Chicago Press.

LAKOFF, G. (2008) The Neural Theory of Metaphor. *In*: R. GIBBS (ed), **The Cambridge Handbook of Metaphor and thought**. Oxford University Press. p. 17-38.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (1999) **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York, Basic Books.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (2002) **Metáforas da vida Cotidiana**. São Paulo, Edpuc.

Veja. São Paulo: Editora Abril, ano 33, n. 19, 10 de maio. 2000.

